

## Considerações sobre ensino e história da antropologia visual<sup>1</sup>

João Martinho Braga de Mendonça (UFPB/Paraíba)

*Palavras-chave:* história da antropologia visual; filme etnográfico; metodologias de ensino

O ensino de antropologia nos cursos de graduação em Ciências Sociais brasileiros geralmente envolve componentes curriculares de Teoria Antropológica, os quais incluem diferentes perspectivas teóricas. A tendência principal na organização dos assuntos desses cursos de Teoria consiste em adotar uma cronologia, a qual vai de fins do século XIX, com Lewis Morgan, James Frazer e Edward Tylor, até o período contemporâneo, a partir de Clifford Geertz e outros autores. Esse conteúdo costuma ser dividido entre duas ou três disciplinas e ao longo de quase dois anos estudantes são levados à prática de leituras desses diversos autores, de modo que sua formação seja marcada pela história do pensamento antropológico.

Esse mesmo tipo de perspectiva serviu de base para a estruturação curricular de um curso de bacharelado em antropologia que funciona em Rio Tinto-PB desde 2007, seja em relação às disciplinas de Teoria Antropológica como também, em relação às disciplinas de Antropologia Visual, então sub-divididas por estágios progressivos: I e II. Neste último caso, desde a reformulação do Projeto Pedagógico de Curso em 2010, foi possível conceber as ementas e conteúdos de modo mais ou menos similar às disciplinas de Teoria Antropológica, de modo a adotar uma cronologia histórica para organização dos conhecimentos trabalhados em classe, ou seja: ao longo de dois períodos procura-se abranger as obras fundadoras do campo, desde fins do século XIX ao momento contemporâneo. Passa-se portanto, dos usos paradigmáticos da fotografia aos usos do

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

cinema para chegar ao universo digital atual, de modo a que obras e autores "clássicos" do campo sejam abordados.

Se por um lado, podemos nesse tipo de arranjo curricular, trabalhar também a relação entre autores como Margaret Mead ou Malinowski, desde o ponto de vista da Teoria Antropológica ao da Antropologia Visual, relacionando seus projetos teóricos às visualidades antropológicas que proporcionaram. Por outro lado, encontramos dificuldades em termos de conciliar aquilo que seriam as demandas e características próprias do ensino de antropologia visual dentro do espaço curricular representado por apenas duas disciplinas (ao longo de dois semestres). A própria ideia de uma relação entre teorias e visualidades é um ponto que mereceria maior atenção, já que a antropologia visual e suas perspectivas teóricas parecem se somar a um outro problema, que diz respeito àquilo que pode ser aprendido a partir da comparação “entre diversas vertentes de antropologia” (Peirano, 2006, p. 36).

(...) o reconhecimento de certos autores clássicos se reafirmou paralelamente ao status privilegiado concedido à pesquisa de campo. Esse processo indica que, na antropologia, a ideia de uma teoria como um Terceiro (peirciano) pode dispensar um corpo conceitual estável e definido, atribuindo essa função aos antecessores e, como consequência, à etnografia, e ambos, antecessoras e etnografia, permitindo à história da antropologia transformar-se em uma multiplicidade de histórias teóricas (...). (*Ibid.*)

A experiência da pesquisa de campo, pensada a partir dos processos de sua textualização e visualização, poderia ajudar a reconsiderar as relações entre as dimensões conceituais e imaginárias da disciplina? Nessa linha de reflexão a antropologia visual, como uma talvez peculiar vertente da antropologia, leva as imagens ao encontro das teorias, mas somente para fazer reconhecer uma relação que já estava dada desde o início, subsumida pela prioridade concedida pela disciplina à escrita, como forma de expressão “(...) que o antropólogo usa tradicionalmente” (Cardoso de Oliveira, 2000, p. 192). Questionar essa tradição significaria, pois, uma aposta na relação entre teoria e visualidades, entre pensamento e imaginação? Essa foi efetivamente a temática que

procuramos explorar num encontro com o professor Cardoso de Oliveira, o qual então justamente considerava a incorporação

(...) na linguagem textual do antropólogo uma linguagem fotográfica, uma linguagem através de imagens (...) a imagem interpretada como, não sei se seria correto dizer, um discurso imagético. Um discurso, por exemplo, usando um filme.” (*Ibid.*)

Neste sentido, poderíamos falar de como um filme poderia nos conduzir para dentro dos debates teóricos da disciplina? Mas incorporar imagens à linguagem textual não seria somente uma possibilidade entre outras de enfrentar o problema das relações entre teoria e visualidades? E como pensar as especificidades das linguagens fotográficas e cinematográficas em face desse tipo de proposição? Como, pois, entender melhor o olhar do pesquisador e sua importância para a textualização e visualização das experiências de campo? Para Samain:

(...) a constituição de uma antropologia visual, qualquer que seja, não deverá minimizar o impacto, os condicionamentos, os imperativos, que todo projeto teórico antropológico crava na visualidade do próprio pesquisador. (...) (Samain, 1995, p. 34)

O ensino de antropologia visual que se torna capaz de articular as problemáticas de uso das imagens com as problemáticas teóricas da antropologia leva a considerar a perspectiva histórica como referência na organização dos currículos e de seus conteúdos. Essa consideração, contudo, em vista da extensão histórica da própria disciplina e dos meios parece exigir mais do que duas disciplinas para dar conta, minimamente, de uma formação que, ademais, deveria considerar também os diferentes estilos nacionais de antropologia, tal como procura apontar Mariza Peirano. Ao mesmo tempo, são possíveis objeções a esse tipo de perspectiva: ao olharmos sempre para um passado disciplinar, digase, eurocêntrico, não estaríamos deixando de descobrir e de formar pesquisadores mais antenados com sua própria geração e época, numa espécie de movimento de decolonização interno da disciplina em sua vertente brasileira?

Se até aqui consideramos questões que dizem respeito à história da antropologia visual na formação de estudantes hoje, faz-se necessário ainda pensar em como desenvolver o ensino em suas dimensões propriamente imagéticas. Como formar repertórios e ao

mesmo tempo fomentar a prática e a realização criativa no campo das diferentes modalidades sensíveis de representação (desenho, fotografia, pintura, cinema, teatro, etc.) no sentido de uma antropologia multimodal? Como superar a concepção maquínica que às vezes caracteriza o ensino, como se a disciplina tratasse apenas de ensinar como se usa uma câmera para fazer bons filmes?

A temática do ensino de antropologia visual em especial tem sido objeto de debates fora do Brasil já há pelo menos três décadas, se tomarmos como referência o livro organizado por Paolo Chiozzi na Itália (Chiozzi, 1989). O texto de Jay Ruby publicado nesse livro dizia que a antropologia visual, na época, parecia estar em “estado de fluxo perpétuo” já que ocupava uma posição marginal, seja em relação ao “*mainstream* das ciências sociais acadêmicas”, seja em relação ao “universo comercial do filme independente e da televisão educativa” (Ruby, 1989, p. 9). Nesse caso o filme etnográfico soa como sinônimo de antropologia visual. Jay Ruby defende a especificidade dos filmes antropológicos, contra a ideia de que estes filmes deveriam mirar amplas audiências de massa, em função das quais deveria adotar as convenções dos documentários para TV:

Since the underlying core of anthropological narratives does not confirm our ethnocentric view of the world, we probably should not be using conventional means to communicate anthropological knowledge. The potential of finding a new voice for anthropology in film becomes lost if we simply train our students to behave like documentary filmmakers. (Ibid., p. 16)

Nessa posição, o autor enfatiza que o ensino de antropologia visual não deveria corresponder a um treino de estudantes nos mesmos moldes da formação dos documentaristas. Haveria, assim, uma especificidade do filme etnográfico para a qual o ensino deveria conduzir, de modo a que um antropólogo-cineasta fizesse filmes de modo diverso de outros cineastas, filmes que teriam um público igualmente mais especializado. Paul Henley, por sua vez, em seu recente livro dedicado à questão da autoria no filme etnográfico (Henley, 2020, p. 16), supõe que autores sem treinamento em antropologia, ou mesmo sem formação acadêmica, podem eventualmente serem capazes de realizar um filme etnográfico. Seu argumento se apóia em exemplos do cânone clássico (Robert Flaherty seria um exemplo) e vê com simpatia a busca por audiências mais amplas, não

especializadas.

Parte desses debates se tornaria mais acessível ao público acadêmico no Brasil somente nos anos 1990s, com a publicação regular dos *Cadernos de antropologia e imagem* a partir de 1995, pelos esforços de Clarice Peixoto e Patrícia Monte-Mór. Decolonizar a antropologia visual no Brasil, portanto, deveria significar, por um lado, a apropriação crítica daquilo que é a reflexão e a produção desenvolvida nos países mais industrializados (identificar pois, se eventualmente estaria marcada por um viés colonialista), por outro lado, transformar o conhecimento assim apropriado a partir daquilo que sejam a experiência e a reflexão brasileira e latino-americana, abrindo sendas em direção de outros olhares possíveis. Nesse caminho diferentes histórias e perspectivas se cruzam, o que deveria exigir por parte de pesquisadores um constante e paralelo mergulho em imagens (e obras) mais antigas, juntamente com as explorações mais atuais em desenvolvimento.<sup>2</sup>

A história da institucionalização da antropologia visual no Brasil tem se constituído a partir de diferentes contribuições, pelo menos desde os anos 1980s. Os trabalhos de Samain (2005), Novaes (2010) e Eckert & Rocha (2016), por exemplo, abordam diversas questões tanto quanto eventos fundamentais e outros fatores históricos que seguramente informam a constituição e as potencialidades desse campo no meio intelectual brasileiro. Em outra ocasião, nesse sentido, escrevi sobre a importância da presença de Jean Rouch no Brasil em termos da consolidação da antropologia visual nos meios universitários brasileiros (Mendonça, 2016). Mais recentemente um projeto coordenado por Nilson Freitas junto ao LABOME<sup>3</sup>, “Trajetórias pessoais na antropologia visual do Brasil”, tem propiciado uma série de entrevistas com pesquisadores dessa área, trazendo um impulso importante para aprofundar os diferentes sentidos e práticas de antropologia visual no Brasil. Aparentemente teremos ainda muito a fazer, mas efetivamente já podemos

---

2 O recente livro de Paul Henley (2020) sobre a questão da autoria nos filmes etnográficos pode ser um bom ponto de partida para pensar o caráter universalista das abordagens do filme etnográfico e seu viés eurocêntrico, com destaque para as análises do projeto Vídeo nas Aldeias (VNA) em meio à série de outras produções consideradas, predominantemente estadunidenses e européias, desenvolvidas em meio aos povos colonizados. Como seria, pois, olhar, do Brasil, para a história do filme etnográfico aqui e mundo afora?

3 Projeto é fruto da parceria entre o Laboratório das Memórias e das Práticas Cotidianas - LABOME/UVA-Sobral-CE e a editora Sertão Cult, com apoio do Comitê de Antropologia Visual da Associação Brasileira.

vislumbrar as diversas histórias que se somaram para que houvessem condições de introduzir o campo da antropologia visual nos currículos universitários.

## Referências:

- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. Entre a escrita e a imagem. Diálogos com Roberto Cardoso de Oliveira. Samain, Etienne e Mendonça, João Martinho de. *Revista de Antropologia*, São Paulo, USP, vol.43, no.1, p.185-236, 2000.
- ECKERT, Cornelia & ROCHA, Ana. “Antropologia da Imagem no Brasil: Experiências fundacionais para a construção de uma comunidade interpretativa”. In: *Iluminuras*, Porto Alegre, UFRGS, v. 17., nº 41, p. 277-297. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/iluminuras/article/view/64571>>. Acesso em: 10jan2020.
- FERRAZ, Ana L. C. e MENDONÇA, João M. 2014. (orgs.). *Antropologia Visual: perspectivas de ensino e pesquisa*. Brasília: ebooks ABA. Disponível em: <[http://www.cchla.ufpb.br/ppga/?page\\_id=51](http://www.cchla.ufpb.br/ppga/?page_id=51)>. Acesso em: 10jan2020.
- FRANCE, Claudine de. *Cinema e antropologia*. Campinas: Unicamp, 1998.
- HOCKINGS, Paul. Principles of visual anthropology. The Hague/Mouton publishers, 1975.
- MacDOUGALL, David. Novos princípios da antropologia visual. *Cadernos de antropologia e imagem*, Rio de Janeiro, 21(2): 19-31, 2005.
- MENDONÇA, João M. B. “O legado de Jean Rouch e a Antropologia Visual no Brasil: algumas notas para histórias ainda não escritas”. In: *O Olho da História*, v.23, p.1-14, 2016. Disponível em: <<http://oolhodahistoria.ufba.br/wp-content/uploads/2016/12/joaomendonca.pdf>>. Acesso em: 10jan2020.
- MONTE-MÓR, Patrícia. Descrevendo culturas: etnografia e cinema no Brasil. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, nº 1, 1995, p. 81-88.
- NOVAES, Sylvia Caiuby. O Brasil em imagens: caminhos que antecedem e marcam a antropologia visual no Brasil. In: MARTINS, C. B. e DUARTE, L. F. D. (Coords.) *Horizontes das ciências sociais no Brasil: Antropologia*. São Paulo: Discurso Editorial/ANPOCS, 2010, p. 457-487.

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida e outros ensaios de antropologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

PEIXOTO, Clarice. A antropologia visual no Brasil. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, nº 1, 1995, p. 75-80.

PIAULT, Marc. Espaço de uma antropologia audiovisual. In: *Imagem em foco: novas perspectivas em antropologia*, (orgs.) Cornélia Eckert e Patrícia Monte-Mór, 13-30. Porto Alegre: UFRGS, 1999.

RUBY, Jay. Teaching visual anthropology. In: *Teaching of Visual Anthropology*, Paulo Chiozzi, editor. Firenze: Editrice Il Sedicensimo. 1989. 1989, p. 9-18.

SAMAIN, Etienne. 'Ver' e 'dizer' na tradição etnográfica: Bronislaw Malinowski e a fotografia. Samain, Etienne. Publicado em: Revista *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, UFRGS, ano 1, n. 2, p. 23-60, jul-set 1995.

\_\_\_\_\_. No fundo dos olhos: os futuros visuais da antropologia. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, nº 6, Rio de Janeiro, UERJ/NAI, 1998, p. 141-158.

\_\_\_\_\_. Antropologia Visual e fotografia no Brasil: vinte anos e muitos mais. *Cadernos de Antropologia e Imagem*, Rio de Janeiro, nº 21(2), 2005, p. 115-132.